



O Núcleo Bandeirante, a antiga Cidade Livre, ainda guarda os traços do tempo dos pioneiros

Desde o reconhecimento do terreno Juscelino, o presidente, esteve constantemente apoiando, incentivando os que como ele acreditavam na nova capital

A cidade e a liberdade

André Gustavo Stumpf

É impossível comemorar o décimo-nono aniversário de Brasília sem que, junto, seja reverenciada a memória do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Também difícil, quase impossível, imaginar este vasto cerrado, que cerca e envolve a cidade, sem o núcleo concedido através do gesto simples de quem faz o sinal da cruz.

Como imaginar hoje, 19 anos depois, que aqui — caso fossem ouvidas as reclamações da UDN na época — poderia não existir a Capital Federal? Que restaria deste buliçoso planalto central senão um vastíssimo horizonte de árvores retorcidas, eventualmente frio, local ideal para caça de perdizes e outras aves de pequeno porte? Pois é, no início, foi tudo assim. De qualquer forma, soa algo demode saudar hoje a visão do governante de ontem, embora seja perfeitamente correto.

Mas a era de Juscelino, que passou muito rapidamente, envolve outros condimentos, além do dado concreto, realmente concreto, de construir Brasília. Foi naquele período espremido entre crises sérias da história do país que a Nação viveu em liberdade. A mesma liberdade que Nonô utilizava para tirar os sapatos em meio a uma recepção oficial, ou ainda convidar uma simples cabocla de interior para dançar. Argumentação os racionalistas de plantão que tudo não passou de medíocres e seguidos golpes demagógicos.

Contudo, a bordo do seu Viscount — hoje uma relíquia sem sapatos, o presidente Kubitschek comandou um processo democrático que o país desde então não mais experimentou. Conviveu com a mais severa, austera e renitente oposição, cujo comando estava entregue ao então deputado Carlos Frederico Werneck de Lacerda. Buscou conviver com o Partido Trabalhista Brasileiro, na época vivendo o grave impacto do suicídio de Getúlio Vargas, e enfrentou as rebeliões militares de Jacareacanga e Aragarças.

Nada disto, no entanto, impediu que o país respirasse liberdade. Sem arranhões, nem relativismo. Liberdade ponto. E houve desenvolvimento. Veio a indústria automobilística, surgiram as fábricas da indústria pesada, cresceu o número de quilômetros asfaltados e muitos novos caminhos foram abertos. Entre eles, a Belém-Brasília que posteriormente viria a ser chamada de estrada das onças, mas que hoje reúne, em todo seu percurso, o maior contingente populacional da região norte.

Os velhos do Restelo daquele momento fulminaram qualquer ação com um argumento decisivo. Um leve e irônico olhar antecedia a argumentação sobre a espiral inflacionária. Na época

havia muita preocupação com um governo que não parava de imprimir dinheiro novo. A exemplo do genial personagem de Camões, os redivivos na década de cinquenta blasfemaram simplesmente contra o progresso, vestidos de renovador representaram o pensamento mais arcaico e conservador do país. A inflação da época Juscelino jamais ultrapassou a barreira dos vinte e cinco por cento. E, note-se bem, naquela época tal índice era considerado absurdo. Não havia nem dívida externa, nem contratos de risco: o monopólio estatal seguia intocado.

Esta ebulição de idéias, confrontos, enfrentamentos ideológicos e político-partidários, e até mesmo militares — os participantes de Jacareacanga e Aragarças foram anistiados — fizeram surgir no país uma onda de renovação cultural, artística e arquitetônica. Foi com Juscelino Kubitschek que o talento de um Oscar Niemeyer, já revelado com a construção do Ministério da Educação e da Cultura — no Estado Novo, com o Ministro Gustavo Capanema — encontrou oportunidade para deslançar. Mas, Brasília, sem dúvida, foi um ponto extremamente importante para dar início a tal processo.

E a euforia desenvolvimentista, que foi tão criticada, terminou sendo paradigma da atuação de outros governantes, mesmo aqueles que do alto de seus alamares investiram contra o presidente que construiu Brasília. Todos voaram, procuraram desenvolver abrindo estradas e aumentando o parque industrial brasileiro mas sem poder ostentar, para infortúnio de todos nós, um quadro de liberdade semelhante aquele em que a nova Capital Federal foi construída.

Já há, hoje, quem seja maior de idade e nascido em Brasília. Relembrar o passado, a história de liberdade, a explosão da consciência brasileira, a essência da vida democrática pode sugerir um saudosismo irritante. Mas em mais um 21 de abril é confortável correr este risco e tentar alinhar idéias no sentido de mostrar que a história não é linear como a querem os radicais de hoje, nem os queixosos de ontem. Ao contrário, desde Juscelino, desde Brasília, o país conheceu a face negra de sua história, mergulhou no imobilismo e viu crescer comunidades de exilados no exterior.

Nada disto, contudo, evidencia o país que este país já foi. Já se viveu aqui em plena liberdade, sem que o processo inflacionário fosse tratado aos pacotes, sem que houvesse ameaças de recessão ou desemprego. Já houve época de pleno desenvolvimento com plena democracia. Sem espada de dâmoles sobrenadando acima de todas as cabeças.



Nonô era simples, desde o exame da maquete, com Oscar e Israel



até a inauguração, quando chorou. Simplesmente.



Democrata sem reservas, deixava-se fotografar comendo jaboticabas com sua filha



No Catetinho, ele batizou um dos tantos afilhados que teve enquanto existiu



No fim, o povo deixou claro sua preferência: «JK vai com o povo», até ao Campo da Esperança